

A motosserra de Javier Milei



Por **WILLIAM CALLISSON***

As características mais destrutivas de Milei ainda estão para serem vistas

Tendo liderado a aliança partidária libertária *La Libertad Avanza* no Congresso, em 2021, o político argentino de extrema direita Javier Milei mais uma vez superou as expectativas. Nas primárias presidenciais de agosto, obteve 30% dos votos – derrotando, assim, os candidatos da centro-esquerda da *Unidad Ciudadana*, que obteve apenas 27%, e o da centro-direita da *Juntos por el Cambio*, que ficou com 28%. Agora, no período que antecede as eleições gerais de 22 de outubro, Javier Milei está sozinho no topo de todas as pesquisas. A única incerteza é se ele conseguirá ultrapassar o limite para evitar um segundo turno.

Para muitos espectadores, a política de Javier Milei tem sido difícil de classificar. Ele é ex-jogador de futebol semiprofissional, músico de rock, cosplayer de histórias em quadrinhos, guru do sexo tântrico e professor de economia. Ele também é um comentarista de televisão com o rosto vermelho e um meme de internet criado por ele mesmo. A face desta figura reconhecidamente caricatural é a muleta de inúmeros artigos de opinião, que o reduzem a uma imitação de Donald Trump, alguém com um penteado ainda mais excêntrico (seu apelido é “A Peruca”).

Outros veem Javier Milei como mais uma erupção do fenômeno “populista” amorfo da América Latina. Como afirmou um artigo na *Foreign Affairs*, a volatilidade socioeconômica da região tem tendência a produzir “iconoclastas radicais”: “Milei, Castillo, Bolsonaro, Chávez e Bukele provavelmente não teriam surgido num cenário mais estável”. Neste quadro binário – estabilidade liberal versus demagogia populista – todas as variantes da política “anti-establishment” são agrupadas, sem qualquer atenção às suas particularidades locais.

Outra linha de comentário centra-se, mais precisamente, na crescente crise econômica na Argentina. Chegando perto de 120% ao ano, a inflação está queimando todos os ativos da população mais rica. A razão da dívida pública/PIB é de cerca de 80% e não existem reservas líquidas no banco central.

O FMI forçou duras medidas de austeridade como condição para novos empréstimos, os quais pingam a cada três meses. O mercado imobiliário não funciona em pesos argentinos, mas em dólares americanos, que são muitas vezes difíceis e caros de adquirir através do mercado negro, onde o dólar americano é chamado de “*azules*”.

O mercado de trabalho pós-pandemia é precário e cada vez mais flexibilizado, com um grande setor informal caracterizado pelo excesso e não pelo subemprego: para muitos trabalhadores, os múltiplos empregos e o trabalho temporário são um meio necessário de sobrevivência. Entretanto, o financiamento privado está a aumentar as dívidas das famílias, os avanços anteriores à pandemia na igualdade de gênero estão a ser revertidos e os preços elevados estão a travar o ímpeto da organização da classe trabalhadora e dos movimentos sociais.

O fato de uma pluralidade de eleitores poder rebelar-se contra um *establishment* partidário que administra este tipo de

a terra é redonda

crise não é nenhuma surpresa. A dívida pública explodiu pela primeira vez sob o governo conservador de Mauricio Macri, em 2015, e permaneceu mais ou menos estável sob a administração peronista de Alberto Fernández e Cristina Fernández de Kirchner. Também não é surpreendente que tal mensagem “populista” se alastre na população. Mas uma questão permanece: por que Javier Milei aparece nesta conjuntura; o que sua eventual vitória pode significar para o futuro do país?

Em comícios eleitorais que também funcionam como concertos punk, Javier Milei combina um credo hiperindividualista de “vida, liberdade, propriedade” com uma denúncia populista da “casta política”. Ele começa e termina a maioria dos discursos com seu bordão: “viva a liberdade, caramba”. Seu público adorado é formado principalmente por homens que vivem online, muitos deles entusiastas do Bitcoin.

São, no entanto, eleitores de primeira viagem. Javier Milei lhes promete que irá “incendiar” o banco central, dolarizar a moeda, eliminar a maioria das agências estatais e privatizar empresas públicas. Assim como descreve as alterações climáticas antropogênicas como uma “mentira socialista”, também nega a tortura e os desaparecimentos que ocorreram durante a ditadura, planejando perdoar os oficiais militares presos por tais crimes.

Alimentado por um sexismo virulento, ele espera reverter o progresso alcançado pelo poderoso movimento feminista do país, particularmente a legalização do aborto, e derrotar a chamada “ideologia de gênero” da comunidade LGBT na educação e na cultura em grande escala.

A perspectiva de Javier Milei representa uma mutação reacionária do neoliberalismo em resposta às condições atuais da crise econômica. É a mais recente erupção da longa tradição autoritária de mercado livre da América Latina - o que Verônica Gago chama de “violência originária” do seu modelo neoliberal periférico.

Num momento de desespero, como observou Pablo Stefanoni, Javier Milei conseguiu construir a única “candidatura verdadeiramente ideológica” com um programa eleitoral e uma imagem utópica do futuro. Isto explica por que, de alguma forma, ele conseguiu conquistar tantos jovens do sexo masculino nas *vilas* de Buenos Aires (o equivalente às favelas brasileiras no país), ao mesmo tempo que superou os seus rivais em regiões que anteriormente favoreciam a esquerda peronista.

Mais do que Jair Bolsonaro - cuja candidatura foi impulsionada pelos jovens ativistas online do Movimento Brasil Livre depois que ele lhes prometeu nomear o *Chicago Boy* Paulo Guedes como ministro das Finanças - Javier Milei é um neoliberal de carteirinha. Quando lhe perguntam como adotou essa linha política, ele fala de uma conversão quase religiosa - do keynesianismo neoclássico para a Escola Austríaca. Javier Milei também está planejando se converter do catolicismo ao judaísmo - mesmo se a sua ética de trabalho presidencial possa ser incompatível com a observância do *Shabat*.

Em seu discurso de vitória após as eleições primárias, Javier Milei agradeceu tanto a seus apoiadores quanto aos seus animais de estimação, mastins ingleses, que recebem os nomes de Milton Friedman, Robert Lucas e Murray Rothbard. “Afim, o que é o Estado senão o banditismo organizado?” - escreveu Rothbard no seu *Manifesto Libertário* (1973). “O que é a tributação senão roubo em escala gigantesca e descontrolada?” “O que é a guerra senão o assassinato em massa numa escala impossível pelas forças policiais privadas?” Cinquenta anos depois, essas falas podem ser ouvidas ecoando no horário nobre da televisão argentina.

Segundo Friedman, Javier Milei distingue entre três tipos de liberalismo: a doutrina clássica de Smith e Hayek, que ele tem em alta estima; o minarquismo de Mises, com o qual se identifica no plano prático; e o anarcocapitalismo de Hans-Hermann Hoppe, ao qual adere filosoficamente. Milei desenvolveu essas visões em vários livros: *O Retorno ao Caminho da Decadência Argentina* (2015), *Liberdade, Liberdade, Liberdade* (2019), *Pandenomia* (2020), *O Caminho do Libertário* (2022) e *O Fim da Inflação* (2023).

Muitos de seus títulos foram acusados e perseguidos por alegações de plágio. Mas isto não é uma preocupação para Javier

a terra é redonda

Milei, que se orgulha de ter absorvido os ensinamentos de seus ídolos austríacos, linha por linha. Ao contrário de qualquer outro tipo de propriedade, as suas verdades pertencem a todos e a ninguém.

Contudo, a filosofia de Javier Milei não está apenas no papel, mas manifesta-se nos seus planos concretos para a dolarização – um projeto para o qual ele já começou a procurar financiamento estrangeiro. Para muitos eleitores, indignados com a inflação e habituados a negociar na moeda dos EUA, esta política parece intuitiva – ou pelo menos vale a pena o risco. Para Javier Milei, porém, trata-se menos de resolver a crise atual do que de defender um princípio intemporal.

Na tradição da Escola Austríaca, o regresso ao padrão-ouro é o Santo Graal. Na ausência de tal retrocesso na história, a próxima melhor coisa é amarrar as mãos dos banqueiros centrais – ou, então, cortá-las completamente. Os meios para o fazer são vários. O aspirante a ditador de El Salvador, Nayib Bukele, adotou o Bitcoin como a segunda moeda oficial do país, na esperança de imitar as características deflacionárias do padrão ouro.

O candidato presidencial do Partido Republicano, Vivek Ramaswamy, propôs a utilização de um cabaz de mercadorias, incluindo ouro, para sustentar o dólar. E Javier Milei elogiou a substituição do peso pelo dólar, juntamente com a abolição do banco central – que ele chama de “a pior coisa do universo”.

Em contraste com “artistas” sem leme como Jair Bolsonaro e Donald Trump, Javier Milei está zelosamente comprometido com uma ideologia coerente. Inicialmente não estava claro se ele queria mesmo ser presidente ou se o seu principal objetivo era usar a sua candidatura para tecer as suas ideias no tecido cultural. É em parte por esta razão que os mercados financeiros internacionais estão inquietos. Imediatamente após a sua vitória em agosto, o valor dos títulos em peso e em dólar despencou, relembrando a reação às reformas neoliberais radicais da ex-primeira-ministra do Reino Unido, Liz Truss, em 2022.

Claro, como economista-chefe numa das maiores empresas da Argentina e consultor de numerosos órgãos públicos nacionais e internacionais, Javier Milei é adepto da leitura atenta dos sinais do mercado – bem como de ajustar seus níveis de radicalidade ao seu público. Ao falar com a *Bloomberg*, ele recorre a palestras abstratas em sala de aula sobre teoria macroeconómica. Com o *The Economist*, ele enfatiza a boa-fé do seu *establishment* e rejeita caracterizações precisas do seu programa como “hipérbole”.

Neste registo mais tranquilizador, Javier Milei explica que o Estado social deveria certamente ser destruído – mas não de uma só vez. “É o inimigo, então vamos desmantelá-lo. Mas com uma transição... Durante os primeiros anos, tentaríamos reconfigurar [as doações] para que a política social não se centre no bem-estar, mas no capital humano.”

Para tal, propõe reduzir o número de ministérios do governo de dezoito para oito: quer se livrar dos Ministérios da Cultura, Educação, Transportes, Saúde Pública, Ambiente e Desenvolvimento Sustentável, e da Mulher, Género e Diversidade, entre outros. Algumas das suas funções serão integradas no Ministério do Capital Humano, o que condicionará o bem-estar ao trabalho.

A reforma da segurança social, acrescenta, seguirá o modelo instituído por Augusto Pinochet no Chile. Uma nova era de terapia de choque está a caminho; mas, como Javier Milei garante, estando em conformidade com o que o *The Economist* predica, isto não causará problemas às instituições ou aos investidores internacionais, uma vez que os seus próprios cortes nos impostos e nas despesas serão muito mais severos do que as propostas do FMI.

No entanto, num relatório sobre as perspectivas crescentes de Javier Milei, o *Financial Times* cita um consultor de uma empresa de investimentos com sede em Londres que questiona a sua capacidade de executar tais políticas: “Há preocupação sobre... a governabilidade – até que ponto ele seria capaz de controlar os protestos se fosse capaz de implementar as suas medidas radicais”.

a terra é redonda

Será que a reação contra a sua agenda seria demasiado forte para ser contida pelo Estado? Mais uma vez, Javier Milei responde que manejará a sua motosserra – a ferramenta que ele simbolicamente carrega e põe a funcionar em seus comícios – com cuidado. Ele sabe quais braços do Estado cortar e quais usar contra os seus oponentes. “Estamos a trabalhar numa nova lei de segurança interna, numa nova lei de defesa nacional, numa nova lei de inteligência, na reforma do código penal, na reforma do código penal e na reforma do sistema prisional”.

Além disso, a segurança será confiada à sua companheira de chapa, Victoria Villarruel. Apelidada de “Villacruel”, ela passou sua carreira jurídica defendendo militares condenados por crimes contra a humanidade. Ela é uma defensora de longa data da chamada “teoria dos dois demônios” da ditadura argentina, atribuindo a mesma culpa aos dissidentes comunistas e ao Estado que sistematicamente tentou erradicá-los.

A política externa de Javier Milei evoca os mesmos temas. Ao assumir o poder, pretende iniciar um “alinhamento automático com os EUA e Israel”, recusando-se ao mesmo tempo a trabalhar com “países socialistas” como a China, o Brasil, a Colômbia, o Chile e o México. O que isso significa na prática é objeto de debate. Afinal, Jair Bolsonaro disse a mesma coisa sobre a China durante sua campanha eleitoral, antes de abraçar o país como presidente.

Javier Milei pode realizar uma reviravolta semelhante. No entanto, o seu compromisso ideológico – juntamente com a sua fixação neocolonial nas virtudes da “civilização ocidental” – não deve ser subestimado. Nem a imprevisibilidade que acompanha seu tipo particular de libertarismo.

Quando questionado sobre o acordo da Argentina entre o Mercosul e a União Europeia, Javier Milei investiu contra ele, mas também expressou sua oposição à ideia de tarifas em substituição. A sua administração alargaria certamente a fronteira extrativa no Triângulo do Lítio, que já está a deslocar violentamente as comunidades indígenas, em linha com a exigência do FMI de pagar dívidas soberanas em dólares americanos.

Orientada para Washington e Wall Street, Javier Milei seria uma figura solitária na região; o presidente uruguaio e o atual favorito à presidência do Equador estariam entre seus únicos aliados. No entanto, como explicou recentemente numa entrevista a Tucker Carlson, a organização transnacional eficaz da extrema direita, esse isolamento pode ser de curta duração.

Javier Milei estabeleceu laços com o partido de extrema direita Vox da Espanha. Está aliado a líderes reacionários de toda a Península Ibérica e da América Latina através de iniciativas como o Fórum de Madrid, que visa reunir a extrema direita moderada e a extrema direita “para enfrentar a ameaça representada pelo crescimento do comunismo em ambos os lados do Atlântico”. Javier Milei vê-se como parte de uma *Nueva derecha insurgente* que está focada na frente cultural – travando uma longa guerra de manobra contra a igualdade de gênero e a justiça racial, com a ajuda das redes sociais online.

A entrevista com Javier Milei, feita por Carlson, foi vista 420 milhões de vezes nos Estados Unidos, após o endosso de Elon Musk!

A promessa de Javier Milei de “tornar a Argentina grande novamente” não é apenas o mais recente artifício trumpiano usado por um nacionalista de extrema direita. É também um apelo genuíno à palingênese liberal – uma visão de renascimento nacional através de um regresso a Smith, Hayek e aos seus herdeiros. Quando Javier Milei usa essa frase, ele não está apenas participando da reabilitação da ditadura militar; ele também pede um retorno aos anos dourados da história argentina – as primeiras décadas do século XX, quando estava entre as nações mais ricas do mundo.

Esta prosperidade, concedida pelo “liberalismo clássico de mercado livre”, foi supostamente apagada pelo “inventismo” estatal socialista de Juan Perón, que desde então atolou o país na decadência e no declínio. Para recuperar tal grandeza, Javier Milei defende uma “revolução libertária que tornará a Argentina novamente uma potência mundial em trinta e cinco anos”. No entanto, o seu programa anarco-autoritário não se parece exatamente com aqueles das ditaduras do passado. As

a terra é redonda

suas características, possivelmente mais destrutivas, ainda estão para serem vistas.

***William Callisson** é cientista político. Autor, de *Mutant neoliberalismo: Market rule and political rupture* (Fordham University Press).

Tradução: **Eleutério F. S. Prado**.

Publicado originalmente no site *Sidecar* da [New Left Review](#).

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

[CONTRIBUA](#)